

JÚLIA

Julinha, filha querida, quando você nasceu,
E a vi, chupando o dedinho, um lindo presente de Deus,
Elevei meu pensamento, e disse: Senhor, eu sei,
Essa é a filha do perdão! Foi assim que eu a chamei.

Perdão que eu, então, buscava, pelo qual muito clamava,
Por erros, por desencontros, por escolhas descuidadas.
Mas, em você, Deus, sorrindo, estendeu-me a Sua mão,
E me disse, bem baixinho: Mário, eis o Meu perdão!

Eis aqui o Meu amor, por você e pela Helena!
Eis a Minha aceitação, restauração, graça plena!
Na forma de uma menina, uma bela garotinha,
Que não pensei que teria, mas, que agora era minha.

Você cresceu, a cada dia, criança... menina... moça,
Com inteligência e graça, e ainda que a gente possa
Descreve-la em mil palavras, da forma que se quiser,
Impossível será dizer o que, pra nós, você é.

Um dia, aqui nessa igreja, com poucos meses de idade,
Trouxemos você a Deus, pensando na Eternidade.
Pedindo a Ele o saber necessário pra cria-la,
Não apenas neste mundo, mas, sobretudo, pra salva-la.

Daqui saímos felizes, com aquela tarefa imensa
Pesando nos nossos ombros, mas, com uma vontade intensa
De voltar, como hoje fazemos, pra entrega-la a Jesus,
Pra que Ele una a sua história à bela história da cruz.

Um dia Ele voltará, com poder e grande glória,
Pra dar-nos um mundo novo, num reinício da história.
E eu, um pai imperfeito, com as cinco filhas que me deu,
Pretendo aguardá-Lo, pronto pra ir com todas ao céu.

Digo sempre por aí, no contato com as pessoas,
Que Deus ao criar o mundo fez todas as coisas boas.
Como Ele, olho pra você, e digo no mesmo tom,
Vendo o que por Ele eu fiz: “Eis que foi tudo muito bom!”

Mário Jorge Lima./

Poema dedicado à minha filha Júlia Lima, por ocasião do seu batismo, na IASDMoema.
São Paulo, 02/Nov/2013.